“Quanta coisa para pensar nos tem dado essa gente”: educadores musicais brasileiros em viagem aos Estados Unidos

Inês de Almeida Rocha (Colégio Pedro II)

Resumo: No início da década de 1940, músicos educadores viajaram divulgando a música erudita brasileira e conhecendo o sistema de ensino musical em diversas cidades do país norte-americano. Este texto analisa a participação de Liddy Chiaffarelli Mignone, Francisco Mignone, Antônio Leal de Sá Pereira e Heitor Villa-Lobos no VIII Congresso Bienal de Professores de Música, realizado em Milwaukee, Estados Unidos, em 1942. Tendo como fonte privilegiada cartas, bilhetes e memórias escritas, as reflexões decorrentes desta análise demonstram que esses músicos, que também exerciam atividades de ensino de música, estiveram inseridos em ações que representaram estratégias diplomáticas, aproximando o Brasil dos Estados Unidos por um intercâmbio cultural e musical, fazendo circular o pensamento pedagógico musical brasileiro.

Palavras-chave: História da Educação Musical. Música Erudita Brasileira. Cultura Escrita. Correspondência.

Title: “So Much to Think These People Have Given Us”: Brazilian Music Educators Traveling to the United States

Abstract: In the early 1940s, music educators traveled to the United States promoting Brazilian classical music and learning about the music education system in various cities of this North American country. This paper analyses the participation of Liddy Chiaffarelli Mignone, Francisco Mignone, Antonio Leal de Sá Pereira and Heitor Villa-Lobos in the VIII Biennial Congress of Music Teachers held in Milwaukee, USA in 1942. Possessing a privileged source of letters, notes and memoirs, reflections arising from their analysis reveals that these musicians, who were also music teachers, were placed in strategic diplomatic positions that brought together the United States and Brazil by means of musical and cultural exchange, while circulating pedagogical thinking of Brazilian music educators.

Keywords: History of Music Education. Brasilian Classical Music. Cultures Writing. Correspondence.

ROCHA, Inês de Almeida. “Quanta coisa para pensar nos tem dado essa gente”: educadores musicais brasileiros em viagem aos Estados Unidos. *Opus*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p.. 101-126, jun. 2012.

O presente artigo aprofunda e detalha as reflexões presentes no trabalho apresentado no XXII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, ANPPOM, sob o título “‘Agora uma novidade boa’: participação de educadores musicais brasileiros no VIII Congresso Nacional Bienal de Professores de Música em Milwaukee (1942)” (ROCHA, 2012b: 390-398).

Este texto é um desdobramento da pesquisa concluída para o curso de doutoramento (ROCHA, 2012a), que apresento com um enfoque específico, acrescido de outras reflexões, possibilitadas pelo acesso a novas fontes e pelos comentários suscitados durante a seção de comunicação no XXII Congresso da ANPPOM (ROCHA, 2012b), para o qual apresentei trabalho que ora amplio. Tenho por objetivo analisar algumas práticas de escrita manuscrita e impressa para pensar sobre a atuação de Liddy Chiaffarelli, Francisco Mignone e Sá Pereira durante viagem deles aos Estados Unidos no início da década de 1940. Para tal intento, empreguei como fontes cartas pessoais, bilhetes e memórias, que analisei em seu conteúdo e em sua materialidade, indagando o que essas diferentes fontes escritas podiam revelar a respeito da participação de educadores musicais e de músicos no cenário internacional nesse período. Essas fontes podem ser denominadas escritas de viagem, que são aquelas produzidas antes, durante e depois de deslocamentos para as mais diversas finalidades; são, entretanto, motivadas, pelo afastamento, pela distância, pelos estranhamentos e pelas percepções que os trajetos provocaram[1].

Utilizei cartas pessoais de Liddy Chiaffarelli e Francisco Mignone, escritas para Mário de Andrade e arquivadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP) (CATÁLOGO ELETRÔNICO IEB/USP). A correspondência de Liddy Chiaffarelli para Mário de Andrade é constituída de cartas e bilhetes, escritos no período entre 1937 e 1945; já o conjunto de missivas e bilhetes de Francisco Mignone abrange um período maior, com comunicação entre 1921 a 1945. Tive como foco para este texto, contudo, aquelas que mencionam a viagem, incluindo cartas escritas durante o deslocamento e datadas antes da partida, relacionadas a seguir (Tab. 1 e 2).

[1] A citação que incluí no título do presente trabalho é parte de uma carta escrita por Francisco Mignone e por Liddy Chiaffarelli, na cidade de Chicago, em 4 de abril de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4825).

Utilizo, neste texto, a transcrição atualizada de cartas, ou seja, o tipo de transcrição de manuscrito que realiza pequenas alterações com a função de facilitar a compreensão do conteúdo. Atualizei a ortografia, fiz correções gramaticais e eliminei marcas de escrita, como os traços que os missivistas utilizam quando desejam mudar de assunto e não fazem parágrafo. Retirei os traços que sublinham palavras e só os mantive quando forneceram dados para a análise. Os termos ilegíveis são sinalizados no texto entre colchetes: [ilegível]. Também utilizo colchetes para acrescentar termos que possibilitem melhor compreensão da mensagem.

Ano	1941	1942
Data e Local	23-08 / RJ	25-01 / RJ
	26-09 / RJ	**04-04 / Chicago**
	29-11 / RJ	
	13-12 / RJ	

Tab. 1: Cartas de Francisco Mignone e Liddy Chiaffarelli para Mário de Andrade, que mencionam a viagem (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4814, MA-C-CPL4819, MA-C-CPL4822, MA-C-CPL4823, MA-C-CPL4824).

Ano	1941	1942
Data e Local	02-12/ RJ	27-01 / RJ
	23-12/ RJ	**15-02 / New York**
		20 e 21-03 / Evaston e Chicago

Tab. 2: Cartas Liddy Chiaffarelli e Francisco Mignone para Mário de Andrade que mencionam a viagem (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2036, MA-C-CPL2037, MA-C-CPL2038, MA-C-CPL2039, MA-C-CPL2040).

Nas cartas sinalizadas em negrito, das duas tabelas (Tab. 1 e 2), constam textos dos dois remetentes e a viagem aparece como assunto na correspondência cerca de cinco meses antes de seu início. No período de permanência no exterior, Liddy demonstra estar mais disponível para o registro e escreve com maior frequência.

O pesquisador, ao trabalhar com correspondência pessoal como fonte, deve considerar, todavia, que ela não pode ser trabalhada isoladamente, pois se faz necessário o confronto com outras fontes para ampliar a compreensão da escrita epistolar. Muitas vezes o escritor de cartas deseja projetar uma imagem de si, uma visão particular dos fatos e, ao escrever, omite informações, supervaloriza outras e, assim, vai construindo sua forma pessoal de ver os fatos. Ao ler uma carta, há de se desconfiar do que está registrado, pois nem sempre tudo pode ser considerado como verdade absoluta. Por isto, recorri a outras fontes, confrontando essa escrita de viagem com cartas administrativas, reportagens de jornais e diferentes tipologias de textos acadêmicos. Estas fontes foram de especial importância para compreender a inserção de Heitor Villa-Lobos nos trâmites que antecederam a viagem e na forma como o compositor participou do VIII Congresso Bienal de Professores de Música, realizado na cidade de Milwaukee, Wisconsin, Estados Unidos.

O convite

> [...] Milwaukee foi uma lição de muita coisa para nós. Ti-Mário você tem razão - a coletividade humana vale mais do que o excessivo individualismo, e os solistas são uma praga na nossa terra! Temos que tratar de melhorar isto, sem descuidar dos nossos talentos individuais! Quanta coisa para pensar nos tem dado esta gente daqui, puxa!
>
> Um abração grande e carinhoso da
>
> Ti-Liddy[2]

Liddy Chiaffarelli Mignone assim registra, em um bilhete, suas conclusões sobre a viagem realizada, no espaço do papel posterior à assinatura de Francisco Mignone na carta que este escreve para Mário de Andrade, no dia 4 de abril de 1942, pouco antes de retornar ao Brasil. As poucas palavras e a marca de escrita, sublinhando e dando ênfase à crítica, já são suficientes para dar indícios de sua concepção educativa, pois Liddy Chiaffarelli, apesar de ter atuado na formação de pianistas e cantores solistas, desenvolveu importante trabalho na educação musical de crianças, visando ampliar os conhecimentos musicais e a experiência estética de todos os alunos. Durante viagem de mais de dois meses por diversas cidades dos Estados Unidos[3], ela e seu companheiro escreveram para o amigo escritor, registrando algumas impressões do que viveram no período entre final de janeiro e meados de abril. Nesse período, três músicos educadores - Liddy Chiaffarelli Mignone, Francisco Mignone e Antônio Leal de Sá Pereira - representaram o Brasil no VIII Congresso Nacional Bienal de Professores de Música. Além do congresso, o casal participou de turnê divulgando a música brasileira e Sá Pereira visitou diversas escolas de música norte-americanas.

A escrita epistolar tem suas peculiaridades e uma delas são as lacunas que deixam, tornando a leitura, para o pesquisador, não linear e fragmentada, aqui neste caso ainda

---

[2] Carta escrita por Francisco Mignone e por Liddy Chiaffarelli, na cidade de Chicago, em 4 de abril de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4825).

Ti-Mário é uma expressão de tratamento muito utilizada por Liddy Chiaffarelli e Francisco Mignone nas cartas endereçadas a Mário de Andrade. O casal utiliza também diversas variações e combinações com seus nomes e outras expressões acrescentando a sílaba *ti*: Ti-Liddy, Ti-Chico, Tis, dentre outros. Nesta citação, Liddy, ao falar em Milwaukee, refere-se ao VIII Congresso Nacional Bienal de Professores de Música.

[3] Essa e outras viagens realizadas durante o período da correspondência escrita por Liddy e Francisco Mignone para Mário de Andrade foram analisadas no texto escrito por Rocha (2010: 275-295).

agravada pela ausência das cartas escritas por Mário de Andrade[4]. Assim, tornou-se imperativo fazer uma investigação cuidadosa em busca de pistas que pudessem trazer novos dados. Por isso retomei à carta do dia 23 de agosto de 1941[5], na qual um comentário é testemunho de que Liddy, Mignone, Sá Pereira e Mário de Andrade já estavam inseridos em uma rede de sociabilidade com ligações profissionais e afetivas que podem ter facilitado o convite para a viagem.

Mignone relata, nessa carta, que o amigo Luiz Heitor[6] havia seguido em viagem para os Estados Unidos e deixado encomenda da *Pan-American*[7] para Mário de Andrade. Luiz Heitor Correa de Azevedo, musicólogo e catedrático de Folclore no Instituto Nacional de Música[8], havia assumido, em 1941, o cargo de consultor da Divisão de Música da União Pan-Americana, em Washington, participando de diversas ações desse órgão. As ligações do grupo com músicos americanos já era evidenciado na correspondência e, no dia 26 de setembro, Francisco Mignone comenta, inclusive, a intenção de Sá Pereira de viajar para o norte:

> [...] Agora estamos esperando o Aaron Copland. O Pereira continua nas atribulações da Escola. Parece que no dia 2 de dezembro embarca para os Estados Unidos por conta própria. Que irá ele fazer naquele Santo País? Mah!- Chi lo as?! [...][9]

---

[4] A pianista Maria Josephina Mignone, segunda esposa de Francisco Mignone, afirmou, em depoimento concedido à autora do presente artigo, no dia 9 de dezembro de 2006, não gravado a pedido da entrevistada, que o compositor destruiu as cartas recebidas pelo amigo. Flávia Toni, ao tratar da correspondência trocada entre Francisco Mignone e Mário de Andrade, também afirma que Mignone destruiu as cartas escritas por Mário de Andrade para ele (Cf. TONI, 2004: 2).

[5] Carta escrita por Francisco Mignone, no Rio de Janeiro, em 23 de agosto de 1941 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4815).

[6] Luiz Heitor Correa de Azevedo (1905-1992), musicólogo e folclorista brasileiro, era amigo de Francisco Mignone e Liddy Chiaffarelli.

[7] A organização internacional *Pan-American Union* foi fundada em 1890, para promover a cooperação entre os países da América Latina e os Estados Unidos.

[8] Atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 13 de agosto de 1848, foi fundado, por Francisco Manuel da Silva, o Conservatório de Música que passou por outras denominações: em 1890 - Instituto Nacional de Música; em 1937 - Escola Nacional de Música; em 1966 - Escola de Música da UFRJ.

[9] Carta escrita por Francisco Mignone, no Rio de Janeiro, em 26 de setembro de 1941 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4819).

Aaron Copland (1900-1990), pianista e compositor norte-americano, foi ativista em prol da música contemporânea, participando da *League of Composers*, da *American Composers Alliance* e *American Music Center*, além de promover as *Copland-Sessions Concerts* e *Yaddo Festivals*. Francisco Mignone fala de

Dentre as cartas arquivadas, mesmo havendo comunicação epistolar após essa carta escrita em setembro, a viagem aparece como assunto novamente no mês de novembro. Mignone narra o dia marcado para a partida e apresenta alguns detalhes do que estava sendo acordado, muito embora, como veremos mais adiante, esse plano não tenha sido realizado como ele desejava.

> Meu caro "Macunaíma",
>
> No dia 17 de dezembro embarco para os "States". Demorarei por lá uns três meses, viagens marítimas incluídas. O motivo da viagem é uma rápida visita às principais cidades e, provavelmente, a realização de alguns concertos com músicas de minha autoria.
>
> O Copland acha que será possível efetuar concertos com orquestras e isso, naturalmente, me interessa sobremaneira porque acho que é o único campo no qual eu valho alguma coisa! (Não é afirmação para você dizer o contrário!) [...][10]

A confirmação da viagem, como se configurou, levou algum tempo por conta de vários trâmites de negociações e de incertezas. O planejamento terminou por aproximar o casal do compositor americano, com o qual se encontraram durante a estadia nos Estados Unidos, conforme revela Liddy:

> [...] O Copland ficou muito camarada da gente e gostamos muito da franqueza com a qual ele fala sobre o que se lhe pergunta. Vai dando a sua opinião sem muitos rodeios [...][11]

Pereira, referindo-se a Antônio Leal de Sá Pereira (1888-1966), pianista, educador musical, escritor e amigo pessoal.

[10] Carta escrita por Francisco Mignone, no Rio de Janeiro, em 29 de novembro de 1941 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4822). Um dos mais famosos livros de Mário de Andrade foi o romance *Macunaíma*, publicado em 1928.

[11] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli, no Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1941 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2036).

Um aspecto importante a ser ressaltado quanto à metodologia de pesquisa com documentos pessoais é a opção por destacar do corpo do texto os trechos das cartas utilizados, mesmo nos casos em que impliquem em uma citação com menos de três linhas, para não incorporar a escrita pessoal do missivista ao texto de análise.

Mesmo assim, em 13 de dezembro de 1941, Mignone já sinalizava para o cancelamento dos planos, dizendo a Mário de Andrade que iria a São Paulo com Liddy, depois do dia 21, pois havia suspendido a ida aos Estados Unidos[12].

Antes do Natal desse mesmo ano, o assunto volta a aparecer na correspondência.

> [...] É verdade, ficamos uma porção sem escrever a você, mas no dia em que a sua chegou aqui, deve ter chegado a você, uma do Chico contando a grande novidade. O convite, honrosíssimo, não pode ser estendido a nenhuma pessoa da família por estar ainda o "Department of States" sem possibilidades para fazê-lo e como a nossa casa em Itaipava está crescendo, as finanças não dão para extravagâncias. [...][13].

Pelas palavras dessa missiva, inicialmente, o convite fora feito apenas a Francisco Mignone e não a Liddy. Talvez possamos inferir que o trabalho desenvolvido por ela frente ao curso de Iniciação Musical, embora fosse noticiado por periódicos e tivesse atraído um grande número de alunos nas turmas, não havia ainda lhe rendido suficiente prestígio para legitimá-la entre seus pares, a ponto de receber a mesma convocação que o compositor. Por outro lado, ela mesma se projeta como mera acompanhante familiar do convidado e não como profissional que já desenvolvia relevante trabalho no ensino de crianças. Outra carta, porém, desvenda que Oswaldo Aranha intermediou o financiamento de sua participação:

> [...] Agora uma novidade boa: O Miguinone vai para os Estados Unidos, o convite foi reconfirmado e o Oswaldo Aranha vai financiar a minha ida junto com ele. Temos andado suspensos entre o "pode ser" e não "pode ser" até ontem, agora está tudo certinho! [...] [14]

---

[12] Carta escrita por Francisco Mignone, no Rio de Janeiro, em 13 de dezembro de 1941 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4823).

[13] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli, no Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1941 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2036).

Liddy por vezes utiliza a grafia Miguinone para o nome do companheiro. O "Department of States" mencionado é a Divisão de Música da Pan-American Union, sediada em Washington.

[14] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli, no Rio de Janeiro, em 23 de dezembro de 1941 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2037).

Oswaldo Euclides de Sousa Aranha (1894-1960), advogado e diplomata brasileiro, durante o Estado Novo, foi Ministro das Relações Exteriores (1938-1944), defendendo a aproximação política do Brasil com os Estados Unidos.

Ainda que, nas cartas que escreve, Liddy tenha se colocado em segundo plano, como mulher que acompanha seu marido em viagem de trabalho, as atividades que desenvolveu e as reportagens nos jornais norte-americanos evidenciam que sua participação não foi a de simples espectadora.

Antônio Leal de Sá Pereira (1942) escreve sobre a participação de Liddy no Congresso de Milwaukee e a situa como uma das musicistas latino-americanas convidadas e uma das representantes do Brasil, ou seja, no mesmo plano profissional que ele e o próprio Mignone. As palavras de Sá Pereira, mesmo valorizando a amiga, apresentam semelhanças com a forma como Liddy Chiaffarelli se projeta nas cartas, pois ele, mesmo destacando o nome de outras mulheres, não registra seu nome na relação dos músicos, mas sim, refere-se a ela como a senhora de Francisco Mignone.

> Na manhã de 5 de março de 1942, em avião da Panair, levantei voo do aeroporto Santos Dumont rumo aos Estados Unidos da América do Norte. Desde aquele momento, até minha volta em fins de junho, fui hóspede da União Pan-Americana, a qual, pela sua "Divisão de Música", em estreita cooperação com a Fundação Rockefeller e a "Music Educators Nacional Conference", me tinha convidado para assistir ao 8°. Congresso Nacional Bienal dos Professores de Música, a realizar-se em Milwaukee, no estado de Wisconsin. Além do autor deste relato, tinham sido convidados, e tomaram parte daquele congresso, mais oito musicistas latino-americanos, a saber: Francisco Mignone e Senhora, do Brasil; Domingo Santa Cruz do Chile, D Filomena Salas, do Chile; D. Esther de Calvo, do Panamá; Juan Bautista Plaza, da Venezuela; José Castaneda, da Guatemala e L. Sandi, do México (PEREIRA, 1942: 5-6).

Quanto ao convite para participação no referido congresso, Fátima Tacuchian (1998) constatou que um primeiro contato havia sido feito a Heitor Villa-Lobos. A autora analisou a correspondência de Charles Seeger[15] e John W. Beattie, no período em que essas autoridades intermediaram visitas de artistas e educadores musicais pelas Américas, efetivando convites tanto para os representantes latinos irem aos Estados Unidos, quanto para músicos e artistas americanos realizarem atividades na América Latina. Os documentos analisados pela pesquisadora indicam que Villa-Lobos recusou o convite inicial para reger um coral de três mil estudantes e participar do congresso, alegando que apenas tinha interesse de viajar em turnê profissional para divulgar sua música, agenciada por seu próprio

[15] Charles Seeger ocupava, no período, o cargo de diretor de Música da Pan American Union, e John W. Beattie era diretor da Escola de Música da North Western University (Evanston-Illinois).

empresário e não com subsídios de fundações ou agências governamentais. John W. Beattie, entretanto, ao visitar o Brasil e assistir a ensaios e atividades relacionadas ao trabalho desenvolvido pelo compositor nas escolas brasileiras, desistiu de avançar com as negociações de sua viagem para os Estados Unidos. Mesmo reconhecendo as grandes qualidades de Villa-Lobos como criador, Beattie escreveu, em carta de 13 de setembro de 1941, que Villa-Lobos não teria nada a contribuir como educador musical, pois ele não sabia inglês, desconhecia psicologia infantil ou trabalho vocal adequado, utilizava métodos de sinais descartados e antiquados, além de produzir uma péssima qualidade sonora com o canto das crianças. Concluiu: "*He is definitely not a music educator*" (TACUCHIAN, 1998: 274).

Concordando com Ricardo Tacuchian (2006), que também analisa os deslocamentos de músicos e artistas nesse período, considero que a participação dos educadores musicais brasileiros no congresso de professores e que a atuação de Mignone como maestro e compositor, nos Estados Unidos, podem ser compreendidas como ações políticas de apoio mútuo aos governos das Américas, dentro do que se chamou de política da boa vizinhança, visando estabelecer estratégias de ação e cooptação de personalidades do meio musical (TACUCHIAN, 2006: 8). Alguns meses antes dessa viagem, Walt Disney havia estado no Brasil, mantendo contatos profissionais e sociais com artistas brasileiros, no Rio de Janeiro, como parte das ações dessa política cultural. Liddy e Mignone também integravam o grupo de artistas convidados para essas reuniões[16].

A viagem

> Meu caro Mário
>
> Aqui vão uns originais de obras minhas que ofereço a você.
>
> O dia da partida está chegando. Eu estou com um cagaço!... Não gosto de viajar pelos ares. Tenho medo mas, felizmente, não me acovardo. [...][17]

O início da viagem aproximava-se e os preparativos foram acelerados para a longa temporada no exterior. O medo de viajar de avião que Mignone comenta atormentou-o durante algumas noites. Liddy descreve ao amigo:

[16] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli, no Rio de Janeiro, em 31 de agosto de 1941 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2028).
[17] Carta escrita por Francisco Mignone, no Rio de Janeiro, em 25 de janeiro de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4824).

> Ti Mário querido
>
> Toda a papelada está pronta, as arrumações também. Agora só falta fazer as malas... bem levinhas para não pagarem excesso de peso! Estamos preparando as almas também levinhas e dispostos a tudo!!! O Mignone está arrumando tudo aqui em casa como se fosse para ser enterrado amanhã. Anda sonhando com desastres de aviação, acordando sobressaltado e na noite passada quando um vagabundo, bastante alcoolizado, achou de berrar que estava morrendo - justo debaixo das nossas janelas — o Chico acordou pensando que era ele que estava morrendo! [...][18].

Miami foi o destino inicial de Francisco Mignone e Liddy Chiaffarelli e, depois, seguiram para Washington, onde assistiram a concertos e reuniram-se com músicos. A primeira carta foi escrita apenas quando já estavam em Nova York e a agenda intensa do casal foi responsável pela demora a escrever para Mário de Andrade, mas a intensidade das emoções, as novidades, os concertos, as músicas, os intérpretes, o encantamento são a tônica da escrita nas cartas:

> [...] Miami, a primeira etapa americana, até parece uma cidade de brinquedo, exposta só para fazer um filme e depois chega! É de uma festa de cores incrível, toda ela construída com requintes de "gozador"! Washington toda branca, como um grande jardim monumental, fomos recebidos 'en grand Seigneur'! Ouvimos dois concertos da orquestra de lá, bem boa, regida por Kindler. Percy Grainger tocou o concerto de Grieg, uma novidade, uma delícia de gostosura, sem ser 'safádchen'. Convites todos os dias! [...][19].

Para a estadia em Nova York, a *League of Composers* providenciou a participação de Francisco Mignone em diversos concertos de música latino-americana. Nessa turnê também pôde atuar como maestro, regendo a *National Broadcasting Corporation Orquestra* e

---

[18] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli, no Rio de Janeiro, em 27 de janeiro de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2038).

[19] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli e por Francisco Mignone, na cidade de Nova York, em 15 de fevereiro de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2039).

Johannes Hendrikus Philip Kindler (1892-1949), mais conhecido como Hans Kindler, foi um violoncelista holandês, radicado nos Estados Unidos, fundador da *National Symphony Orchestra*, da qual foi maestro de 1931 a 1949. Percy Grainger (1882-1961) foi pianista australiano, também radicado nos Estados Unidos. Edvard Grieg Hagerup (1843-1907) foi pianista, compositor norueguês e era amigo de Percy Grainger.

a *Columbia Broadcasting System Orquestra*, em concertos irradiados, divulgando suas músicas, com destaque para o poema sinfônico *Festa das Igrejas*[20] (AZEVEDO, 1947; CHIAFFARELLI, 1947).

A imprensa acompanhou e noticiou as atividades do casal pela cidade norte-americana. Ali permaneceram por cinco semanas, e Liddy participou de entrevistas com Mignone como tradutora, apresentou-se cantando, em primeira audição, canções do compositor e ensaiou o coro de meninas. O jornal *New York Post* assim se referiu à sua atuação:

> Ela e seu marido apareceram ontem ao *League of Composer's Concert*, na Public Library. Eliza Chiaffarelli Mignone é a acompanhante especial de seu marido compositor Francisco. Ela canta canções que ele escreveu especialmente para ela e traduz seu português, espanhol, francês ou italiano em inglês. Apesar de seu marido ter estudado inglês, ele não se sente confiante para falar. Mas Liddy (apelido de Eliza) fala inglês clara e fluentemente. Além da lista de línguas de seu marido, ela inclui o alemão em seu repertório[21].

As cartas escritas nos Estados Unidos têm a mesma característica de outras cartas escritas no exterior. Os espaços do papel são muito bem aproveitados e a letra adquire um módulo de tamanho bem menor, aproveitando ao máximo o espaço em branco para escrever. No momento em que escrevia contando os encontros com músicos famosos, os

---

[20] *Festa das Igrejas* é constituída das seguintes seções: *São Francisco da Bahia (Bahia)*; *Rosário de Ouro Preto (MG)*; *Outeirinho da Glória(RJ)* e *Nossa Senhora da Aparecida (SP)*, de 1940. A obra foi composta a partir de argumento de Mário de Andrade com quatro temas: *Bendito Nordestino*; *Canto de mês de Maria*; *Toada de Reis do Rio São Francisco (séc. XIX)* e *Loa de Rei (Redenção, São Paulo)*. Arturo Toscanini regeu e gravou a obra que foi editada pelo Banco de Partituras de Música Brasileira, da Academia Brasileira de Música (In: SILVA, 2007: 77).

[21] "She and her husband appeared yesterday at the *League of Composer's Concert* at the *Public Library*. Elisa Chiaffarelli Mignone is a special accompanist for her composer husband, Francisco. She sings songs that he has written especially for her, and translates his Portuguese, Spanish, French or Italian into English. Although her husband has studied English, he doesn't trust himself with it. But "Liddy" (home-made for Elisa) speaks English clearly and expertly. In addition to her husband's list of languages she includes German in her repertoire" (NEW YORK POST, 1942: 42).

O jornalista estadunidense apresenta-a como Eliza Chiaffarelli Mignone. Acredito que esta denominação tenha sido fornecida por ela própria, já que em sua documentação de viagem não deveria constar o sobrenome Mignone, apenas acrescentado oficialmente em 1947, por ocasião de seu casamento civil com o compositor. Nas poucas palavras impressas, entretanto, a identificação fica registrada com o apelido Liddy.

concertos a que assistiram, o sucesso, a calorosa receptividade com que foram acolhidos, imagino que uma forte emoção acometia a educadora e sua caligrafia tornava-se mais incompreensível do que o de costume. A carta escrita em Nova York, por exemplo, tem muitas passagens ilegíveis. Ao final dessa missiva, Mignone delimita, com uma linha, seu espaço de escrita no final da folha, destacando visualmente seu diálogo. As cartas escritas por eles durante essa viagem são longas e plenas de detalhes.

A análise da materialidade da carta e do escrito pode fornecer dados e gerar análises que contribuam para ampliar a compreensão de questões que se impõem aos documentos escritos (CHARTIER, 1988; PETRUCCI, 2003; CASTILLO GÓMEZ, 2002). Tendo em vista as características identificadas nessas cartas de viagem, constata-se que se o deslocamento é maior, grande é a demanda para produzir registros do que se está vivenciando. Em situações de viagem, diversos tipos de escrituras visam a suprir essa necessidade. Liddy, Mignone e Sá Pereira não fugiram a essa regra e, além das cartas, escreveram diários e publicaram suas memórias. A educadora fez questão de revelar a seu amigo essa prática de escrita: "[...] Mário, temos tomado nota de tudo o que nos parece interessante e teremos muita coisa que contar. Por mais que se fique objetivo a observar, tudo o quanto é 'organização' escolar é de entusiasmar. [...]"[22].

Esse tipo de escritura guarda uma dimensão autobiográfica, pois o autor fala de si e de como percebeu tudo o que viveu. Em se tratando de viagens, contudo, nem sempre o autor fala apenas de si, pois é inevitável a vontade de registrar fatos ocorridos e descrever lugares, hábitos, comidas e outros detalhes dos lugares e das pessoas que encontrou. Como afirma Antonio Viñao Frago (2000), para além de uma escrita autobiográfica, esses registros são um "testimonio directo de lo visto, oído y vivido" (VIÑAO FRAGO, 2000: 88). Liddy rende-se a esses testemunhos em sua escrita:

> Depois de cinco semanas de Nova York - líricas seu Mário! - aqui estamos neste subúrbio de Chicago, visitando a Northwestern University, descansando um pouco, para depois voltarmos a Chicago por uma semana e seguirmos a Milwaukee para assistir à tal conferencia! Este subúrbio, ou continuação de Chicago, é alcançado em meia hora de automóvel, por uma estrada de rodagem, perfeita, sempre à beira do Lago Michigan. A cidadezinha é como se fosse um grande Parque, lindamente arborizado e gramado; dentro do qual estão os enormes edifícios das diversas faculdades, as enormes casas de moradia dos estudantes, lotadas de tudo o quanto é conforto moderno. [Há] pelo menos meia dúzia de grandes auditórios, pois cada

[22] Carta por Liddy Chiaffarelli, na cidade de Chicago, em 20-21 de março de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL.2040).

> faculdade tem o seu coro e na Escola de Música, além do coro, tem uma banda e mais duas ou três orquestras. Isto fora da "High School", que tem o seu coro, e sua banda, a sua orquestra![23]

Memórias que analisam a viagem

Muitas vezes, após o retorno, essas escrituras são transformadas em publicações[24]. Assim o fez Sá Pereira ao retornar da viagem aos Estados Unidos, registrando suas experiências no livro *Mobilização musical da juventude americana:* impressões de viagem de estudos (PEREIRA, 1942). O Congresso aconteceu entre 26 de março e 2 de abril de 1942, e Sá Pereira, então diretor da Escola Nacional de Música, hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, relatou, com grande encantamento, as atividades que desenvolveu em sua estada. É uma narrativa laudatória e apaixonada, enaltecendo as qualidades do sistema de ensino norte-americano:

> Por mais alta que fosse minha expectativa, devo logo declarar que o que vi e ouvi naquele convênio de professores de música, deixou-me quase estupefato, tão perfeita foi a organização do complicadíssimo programa daquela série de festivais musicais (PEREIRA, 1942: 6).

Apesar do arrebatamento, esse não era o primeiro Congresso do qual Sá Pereira participava representando o Brasil, pois em 1936, havia sido enviado para a Europa, pelo Ministro da Educação e Saúde desse período, Gustavo Capanema, para conhecer os sistemas educativos profissionais e tecnológicos na Europa e o ensino de música e teatro na Alemanha[25]. Como parte de sua permanência no exterior, estava programada sua participação como representante brasileiro, juntamente com Villa-Lobos, no I Congresso Internacional de Educação Musical, realizado em Praga, Tchecoslováquia.

---

[23] Carta por Liddy Chiaffarelli, na cidade de Chicago, em 20-21 de março de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL.2040).

A Northwestern University, localizada em Evanston, em Chicago e em Illinois, foi fundada em 1851 por profissionais liberais ligados à Igreja Metodista.

[24] Antonio Viñao Frago salienta que, nas primeiras décadas do século XX, a *Junta para Ampliación de Estudio y Investigaciones Científicas* subvencionou uma série de viagens na Espanha e ao exterior, gerando publicações, registro dessa prática de escrita durante os deslocamentos (2000: 91).

[25] Curriculum Vitae, em cópia datilografada, pertencente ao acervo do professor, situado na Escola Sá Pereira, no Rio de Janeiro.

Sá Pereira revelou em suas memórias uma visão idealizada da educação musical, capaz de provocar grandes transformações sociais. Por outro lado, a crítica que faz ao nazismo evidencia sua sensibilidade para questões humanísticas, para os sentimentos de ódio que instigavam esse grupo, mas também sinalizam mudanças significativas nas relações internacionais:

> Longe de mim querer diminuir o valor daquela reunião, organizada por meia dúzia de idealistas que sonhavam com o desarmamento espiritual da trágica família europeia através da ação civilizadora da música. A ideia, das mais nobres e dignas de atenção, infelizmente não teve tempo para germinar e dar fruto. Já o "papão" do nazismo vinha ganhando velocidade e furor, e frente àquelas forças do inferno que importância podia ter o frágil broto, aquele suave sonho de paz e concórdia com base na linguagem universal da música? (PEREIRA, 1942: 7-8)

O educador analisou os dois congressos, comparando a situação econômica da Europa em 1936 - tendo países enfraquecidos pelos conflitos sociais e políticos, com os Estados Unidos em 1942 - que já demonstrava força política. O Congresso de Milwaukee, patrocinado por um país que já se beneficiava das condições favoráveis próprias de potência econômica, teve proporções e projeção muito maiores que o Congresso de 1936. A estrutura dos dois eventos chamou a atenção do educador e sua descrição enalteceu a realização norte-americana. O Congresso dos Estados Unidos apresentou um número muito maior de participantes nos coros, nas orquestras e nas bandas e também era maior o número de pessoas que assistiam às apresentações musicais.

Segundo o autor, o bom desempenho musical e a grande participação da juventude escolar nos grupos eram creditados aos esforços de investimento organizado dos setores educacionais e de uma associação de professores de música, a Music Educators Nacional Conference (MENC). Esse setor era um departamento autônomo da Nacional Education Association (NEA), e reunia professores de diversos níveis de ensino (primário, secundário e superior), contando com um número de associados de mais de sessenta mil professores. A NEA organizava congressos anuais por regiões e estados e, a cada dois anos, os professores de todas as partes do país reuniam-se para um encontro nacional. Eram congressos deliberativos e as propostas de ações para o aperfeiçoamento do ensino de música redigidas nesses encontros eram encaminhadas às *Boards of Education*, conselhos administrativos escolares, para serem avaliadas (PEREIRA, 1942: 12-13). O prestígio conquistado pela MENC garantiu grandes investimentos no ensino de música nas escolas primárias e secundárias dos Estados Unidos, o que Sá Pereira denominou "uma verdadeira

mobilização musical da juventude americana que se está processando no grande país do norte, mobilização pacífica, ao serviço, não do ódio, mas da simpatia humana, como base de uma sociedade melhor" (PEREIRA, 1942: 15). O autor revela, assim, sua crença no valor humanitário da educação musical, contribuindo para a educação integral de cada indivíduo.

O destaque e os comentários que Sá Pereira fez sobre a ação dos *Board of Education* contrastam com a situação que ele vivenciava como diretor da Escola Nacional de Música, na qual encontrava uma estrutura burocratizada e conservadora que inviabilizavam inovações que ele tentara implantar (PEREIRA, 1985: 13-14). Uma das dificuldades encontradas por ele foi a tentativa de implantação de um novo curso de música para crianças, baseado na metodologia do músico suíço Émile Jacques-Dalcroze. Sá Pereira fez tentativas em duas instituições, em Pelotas e no Rio de Janeiro, porém, somente no Conservatório Brasileiro de Música, criado como uma cooperativa de professores sócios, sem a burocracia a que as instituições públicas estavam submetidas, é que ele conseguiu inserir o novo curso. Para tal, adaptou essa metodologia à realidade brasileira, propondo o nome de Iniciação Musical. Liddy Chiaffarelli participou desde o início da implantação e da aplicação dessa metodologia no ensino de crianças. Apenas no ano de 1939, já como diretor da Escola Nacional de Música, ele conseguiu levar a Iniciação Musical para essa instituição como um Curso de Extensão.

O encantamento de Sá Pereira com a estrutura que encontrou pode ter sido potencializado pelos muitos impedimentos e pela resistência às mudanças no currículo que atendessem a novas demandas no ensino musical, que ele vivenciou como professor e como diretor de escolas no Brasil. A qualidade musical e técnica, a afinação das vozes e dos instrumentos musicais nas apresentações também o impressionaram, e ele creditava o êxito e a qualidade musical ao estímulo proporcionado pelos inúmeros concursos e festivais promovidos em todo o país, motivando os jovens americanos a participarem de grupos musicais, coros, bandas e orquestras.

Outro fator que o educador observou para o desempenho musical de qualidade a que assistiu era atribuído à exigência tanto para uma *performance* de qualidade, quanto para uma atitude de disciplina interna, indispensável para essa prática musical. Em sua visão, no sistema de ensino que conheceu nos Estados Unidos, já na escola primária, desenvolvia-se nos alunos a consciência de que a disciplina deve existir sem a necessidade da vigilância que os inspetores escolares exerciam no Brasil, ou seja, a disciplina deveria ser espontânea. É interessante observar as críticas que o autor fez à forma como se tratava a conduta dos alunos e a eficiência da educação no Brasil:

> É na escola *primária*, como ninguém ignora, que se deve processar essa transformação do ser *primitivo*, que é a criança, em ser *social*. Na escola secundária, já esse processo de socialização deve estar tão adiantado que não precise o aluno ser constantemente vigiado para que se abstenha de praticar atos antissociais, como sejam: quebrar coisas de utilidade, sujar as paredes, cuspir no chão, e semelhantes abusos.
>
> No nosso meio, a simples presença de um corpo de inspetores prova, a meu ver, que a escola primária não satisfaz ainda à sua função precípua, que é a de *educar*, socializar, e não apenas instruir (PEREIRA, 1942: 26-27).

Na citação, observa-se a ênfase dada pelo autor, demarcando palavras em itálico, chamando a atenção do leitor para determinados ponto de seu discurso. Antônio de Sá Pereira demonstrou preocupação com mudanças nas práticas pedagógicas em diversos de seus textos. Pensava em uma educação musical fundamentada em preceitos da psicologia experimental, ensinamentos que divulgava na cadeira Pedagogia Musical que ministrava, em algumas de suas publicações (Cf. PEREIRA, 1937) e na metodologia desenvolvida para o curso de Iniciação Musical (ROCHA, 1997).

O tema da disciplina, da conduta do aluno na escola, estava sendo foco da atenção de muitos educadores e é possível encontrar, em diversas passagens, referências a questões relacionadas a esse assunto. Os educadores musicais desse período também demonstraram preocupação de como as práticas educativas deveriam estar atentas à disciplina escolar. Liddy Mignone revelou uma concepção mais próxima da de Sá Pereira. Ela afirma:

> O curso de Iniciação Musical não é e nunca deve ser um curso de teoria musical, mesmo quando aliviado por processos modernizantes, mas sim uma atividade musical baseada no interesse e nas necessidades da criança, desenvolvendo, a par da sua musicalidade, a sua atenção, a disciplina espontânea, servindo como meio de afirmação de sua personalidade (MIGNONE, s.d.:1).

Heitor Villa-Lobos também se ocupou desse tema em seus escritos, mas com um enfoque totalmente oposto:

> As demonstrações cívico-orfeônicas não podem ser consideradas como exibições recreativas ou artísticas, pelo menos neste período de formação de compreensão da disciplina coletiva da multidão. Elas visam tão somente provar o progresso cívico das

> escolas, pois a nossa gente, talvez em consequência de razões raciais, de clínica, de meio, ou dos poucos séculos da existência do Brasil, ainda não compreende a importância da disciplina coletiva dos homens (VILLA-LOBOS, 1937: 12-13)[26].

Não é novidade o caráter disciplinador com que concebia a prática do canto orfeônico nas escolas brasileiras, e suas palavras corroboram essa tendência.

Quase retornando

Voltando às memórias de Sá Pereira, ele conclui sua publicação com um comentário que situa bem a mudança de polo diplomático para o qual o país se estava voltando. É oportuno lembrar que, no início do ano de 1942, na reunião de chanceleres que ficou conhecida como Conferência do Rio, o Brasil declarou apoio ao Eixo dos Aliados na 2ª Guerra Mundial, principalmente aos Estados Unidos. Oswaldo Aranha exerceu importante papel intermediando essas negociações e fortalecendo a política de intercâmbio entre os países das Américas, motivado por ideais de cooperação, o que se chamou de Pan-americanismo.

> Ao terminar, quero referir ainda uma curiosa observação que bastante me interessou, pois com surpresa verifiquei o número considerável de *canções de países estrangeiros* e particularmente latino-americanos, que as crianças aprendem a cantar nas escolas. Não acredito que em outros países tenham os educadores por hábito acolher com igual simpatia e largueza de espírito o pensamento musical alienígena (PEREIRA, 1942: 28).

Em seu relato laudatório, ele continuou comparando, mais uma vez os dois encontros de professores de música do qual participou.

> Em 1936, por ocasião dos Jogos Olímpicos, passeando pelas ruas de Berlim, tive ocasião de ouvir, cantada por um grupo de meninos da "Juventude de Hitler", uma canção de marcha que continha o seguinte estribilho: "Dominamos hoje a Alemanha; será o mundo inteiro, amanhã!", entoada de modo insolente na presença de um

[26] Nesta citação, a palavra clínica não faz sentido, tendo sido, provavelmente, um erro de impressão. A palavra clínica refere-se à prática da medicina, às pessoas assistidas por médicos, ou ao estabelecimento privado no qual se pratica medicina. Acreditamos que a palavra correta seja *clima*.

> número incalculável de estrangeiros que visitavam a capital alemã naquela época (PEREIRA, 1942: 28-29).

A descrição, em contraponto, do que encontrou nos Estados Unidos criou uma imagem ainda mais positiva deste país. Assim, Sá Pereira encerrava suas memórias:

> Enquanto isso, as crianças americanas, desconhecendo ambições e preconceitos políticos, aprendem a cantar "Cielito lindo" e "A casinha pequenina". Já este simples detalhe, insignificante na aparência, revela, entretanto, duas filosofias diametralmente opostas, e fortalece em nós a esperança em um mundo melhor, fundado não na "Nova Ordem" da arrogância nazista, mas sim no respeito à dignidade humana e aos direitos do próximo, ideal de concórdia que a *educação musical generalizada*, como a pretendem, e já parcialmente realizam, os educadores americanos, bem poderá, algum dia, ajudar a cimentar (PEREIRA, 1942: 28-29).

A publicação dessas impressões de viagem, com críticas ao governo nazista alemão em um período de governo ditatorial, submetendo a comunicação e a expressão à vigilância e à censura chama a atenção. A circulação dessas ideias impressas pode ser compreendida como reverberação da mudança no eixo político e diplomático internacional. O Brasil já se voltava mais para relações internacionais intermediadas pelos Estados Unidos, e músicos, educadores musicais e diversos setores da cultura no país participavam desse jogo político.

Em se tratando de expressão impressa, a correspondência analisada revela que a liberdade de expressão dos periódicos estadunidenses chamou a atenção de Liddy e Mignone, e ambos comentaram na carta escrita em Nova York, como estavam impressionados. A educadora registrou assim:

> [...] Aqui a palavra liberdade é deveras um fato e sobre isto muito temos que contar. Ouvimos, no Carnegie Hall, a Philadelphia Orchestra com Toscanini! Tudo perfeito! É uma sensação deveras excitante de ver e ouvir tudo isto sobre aqui já tanto lemos e pensamos [...][27].

[27] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli e por Francisco Mignone, na cidade de Nova York, em 15 de fevereiro de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2039).

Arturo Toscanini (1867-1957), maestro italiano renomado internacionalmente, regeu importantes orquestras na Europa e nos Estados Unidos.

Ao final dessa carta, Francisco Mignone retomou o mesmo tema:

> [...] Aqui temos tido uma acolhida cordialíssima e, creia, nunca a gente acredita que este país esteja em guerra.
>
> A "liberdade" é um fato neste país. A democracia é o [ilegível] sentida pelo povo e exercitada pelos poderes públicos. A imprensa tem tal liberdade de dizer o que quer [que seja] que nós ficamos assombrados da coragem desta gente. E, o que é admirável, é que nunca eles perdem a compostura para entrar no campo das "entre-linhas" com insultos e maliciosas e demolidoras venenosidades! [...][28]

A palavra liberdade escrita entre aspas e o termo entre-linhas, separado por hífen, com aspas e sublinhado podem ser entendidos como uma referência à censura à qual os meios de comunicação estavam submetidos no Brasil, em plena vigência do Estado Novo, como ficou conhecido o período a partir do golpe político dado pelo então presidente Getúlio Vargas, em 1937, e que só findou em 1945. A correspondência analisada oferece pistas de como a escrita e em particular a comunicação epistolar privada poderia ser vigiada por órgãos oficiais. Outras cartas escritas para Mário de Andrade são mais explícitas, revelando que Liddy estava consciente ao escrever que cada palavra poderia ser alvo do controle e da censura. Já no Rio de Janeiro, a carta escrita em outubro revela:

> [...] A sua carta levou justo uma semana para chegar às minhas mãos, sem ter passado pela censura! Tenho uma raiva de carta registrada, anda daquele jeito: lentissimamente [...][29].

A possibilidade de censura política certamente imprimiu restrições à escrita, que apresenta silêncios, lacunas, raríssimas críticas e muitos relatos positivos. Há que se levar em consideração esse aspecto ao ler as mensagens e os elogios, como os de Francisco Mignone, quando ele descreveu suas impressões sobre a educação musical estadunidense e a qualidade técnica e expressiva dos músicos das orquestras americanas. Na carta de quatro de abril, escrita em Chicago, Mignone fez reflexões e análises do que vinha conhecendo da

[28] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli e por Francisco Mignone, na cidade de Nova York, em 15 de fevereiro de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2039).
[29] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli, no Rio de Janeiro, em 4 de outubro de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2045).

vida musical, do sistema de educação musical americano e sobre a profissionalização dos músicos naquele país.

A narrativa valorizava a educação voltada para a formação do indivíduo - de um público apreciador de música e não apenas do virtuose - para a qual o investimento em instrumental, em formação humana, a constância e a continuidade das ações nas políticas educacionais definidas eram a base para a obtenção de resultados. Essa concepção dá ênfase na música não como uma área profissionalizante, mas como um conhecimento importante para toda e qualquer pessoa. Francisco Mignone comentou:

> Estudamos o problema do porquê eles têm público e descobrimos uma grande verdade: é que eles encararam o problema há 30 anos e seguem em seu propósito com o melhor resultado possível. Boas escolas, instrumental de graça para os alunos, não encarar o fenômeno música do lado profissão e tornar a música um elemento essencial de vida. Cinquenta por cento dos americanos de hoje ouvem música com a mesma naturalidade com o qual cinquenta por cento dos brasileiros não prescindem do "cafezinho" durante o dia. Um hábito sabiamente inculcado nas massas. Eis tudo. E não é pouco. Praticamente o músico vive bem nos Estados Unidos e é elemento considerado e respeitado. Assim como são considerados e respeitados religiosamente os direitos autorais e artísticos dos autores[30].

A educação musical de crianças e da população brasileira estava passando por um período de valorização e a música erudita foi considerada o elemento primordial para a formação de público e para a formação de um ser humano melhor, embasando diversas ações na incipiente política cultural do país, que dava seus primeiros passos. O próprio Mário de Andrade protagonizou diversas ações para divulgar e incentivar a música erudita e outras manifestações culturais quando esteve à frente do Departamento Municipal de Cultura em São Paulo (ROCHA, 2012a).

Mignone destacou a participação feminina nas orquestras, inclusive nos naipes de metal e percussão, que até então eram mais ocupados por músicos do sexo masculino, e observou como a prática musical em conjunto era valorizada naquele país. Constatou, também, a importância das orquestras para a formação de músicos e de um público exigente quanto à qualidade musical das *performances*.

[30] Carta por Francisco Mignone e por Liddy Chiaffarelli, na cidade de Chicago, em 4 de abril de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4825).

> Tive em mãos a lista de todos os profissionais de orquestra de Nova York. São cerca de oito mil. Só de violinos e outros arcos são vinte e duas páginas. Existem em Nova York, duzentos ou mais flautistas de primeiríssima. O presidente do centro orquestral garantiu-me que se podem organizar em Nova York dez orquestras de primeira grandeza. [...] Em geral os músicos não estudam teoria ou solfejo. Passam logo para o instrumento e aprendem implicitamente esses conhecimentos. Aliás isso corresponde ao que eu fiz e penso que assim deve ser[31].

Ao final da mesma carta, Liddy também expôs impressões positivas e descreveu-as para o amigo:

> [...] Ontem fomos ao ensaio de um Festival que haverá amanhã, o coro das meninas cantoras, regido pelo autor, diversos coros do Mignone... em português! Em meia hora estavam cantando com todos os efeitos pedidos pelo Chico, tal é o preparo musical deste pessoalzinho, que não fará profissão de música, será só para formar público. O ensaio todo foi um encanto para ouvidos e olhos! [...] Voltamos agora [depois] de ter assistido a um ensaio do coro dos 'seniors' da Universidade. Cantaram Palestrina, Tomás Luis de Victoria e as *Trois Chansons* de Ravel. Como foi gostoso ver aquelas caras jovens e sadias, com uma atenção religiosa seguir o professor, e a qualidade de vozes é linda. A Dolly está no coro! Depois fomos à escola pública onde meninas de nove a treze anos estavam ensaiando a *Cantiga de Ninar* do Mignone. Ensinei a elas a pronúncia em português e ficaram radiantes. [...][32].

[31] Carta por Francisco Mignone e por Liddy Chiaffarelli, na cidade de Chicago, em 4 de abril de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4825).

[32] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli, na cidade de Chicago, em 20-21 de março de 1942, (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2040).

Giovanni Pierluigi da Palestrina (1523-1594), compositor italiano, e Tomás Luis de Victoria (1548-1611), compositor espanhol, dedicaram-se à música sacra e compuseram muitas obras para coro. Joseph Maurice Ravel (1875-1937), compositor e pianista francês. Dolly foi aluna de canto de Liddy Chiaffarelli e ganhou uma bolsa de estudos para estância nos Estados Unidos. *Cantiga de Ninar*, canção composta por Francisco Mignone em 1925, que originou outras versões, foi dedicada à Liddy, quando ainda era casada com o primeiro marido, Agostino Cantù, por isso consta o nome Liddy Chiaffarelli Cantù.

Considerações Finais

> Imagine que o Mignone teve um convite oficial para fazer um curso de verão aqui nesta Universidade, de composição e regência.
>
> Escrevi logo ao Oswaldo Aranha para ver se por intermédio dele poderia obter a prolongação da licença, mas até agora, um mês depois, ainda não tive resposta. Que pena seria se ele não pudesse ficar! Temos passagem para seis de maio, se ele puder ficar... eu voltarei de todo jeito, apesar de achar que isto aqui no verão deve ser um gostosura![33]

O convite criou expectativas, mas o casal retornou em maio para o Brasil. Sá Pereira, que se tinha encontrado com eles em Nova York, em Milwaukee e em Chicago, retornou em junho. A confirmação da volta, Francisco Mignone anunciou na carta escrita em quatro de abril, pedindo segredo:

> [...] A nossa volta está marcada para a primeira quinzena de maio. Pode contar nos dedos das mãos faltando dois dedos. Não conte a ninguém. [...][34].

Cartas, aliás, são espaços para segredos e confidências, mas também de lacunas e silêncios. Lendo a correspondência arquivada, por exemplo, não se encontram referências sobre de que forma os modelos pedagógicos brasileiros foram apresentados, pois a documentação não oferece elementos para esta análise. Nenhum dos três viajantes registrou algo sobre alguma palestra proferida relatando a situação da Educação Musical no Brasil, como foi feito no congresso de que Sá Pereira e Villa-Lobos participaram em Praga no ano de 1936. Nas memórias de Sá Pereira, só há referências ao que ele testemunhou em sua visita. Francisco Mignone fez relatos em suas cartas e analisou o sistema de ensino de música, as ações para formação de um público ouvinte de música erudita, a profissionalização dos músicos e a qualidade das orquestras que conheceu. Liddy comentou as apresentações musicais de música brasileira, a regência de Mignone e as músicas cantadas por ela.

---

[33] Carta escrita por Liddy Chiaffarelli, na cidade de Chicago, em 20-21 de março de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL2040).

[34] Carta por Francisco Mignone e por Liddy Chiaffarelli, na cidade de Chicago, em 4 de abril de 1942 (CATÁLOGO..., Cód. Ref.: MA-C-CPL4825).

Nas cartas escritas para Mário de Andrade também não fizeram menção sobre a projeção que o canto orfeônico e o trabalho desenvolvido por Villa-Lobos tiveram no congresso. Qual o motivo dessa lacuna? Por que o silêncio sobre o compositor? Comentários sobre ele estariam em alguma carta extraviada ou descartada? Não pudemos ter notícias sobre a participação de Villa-Lobos no congresso de Milwaukee por meio das cartas pessoais de Liddy e Francisco Mignone, mas outras fontes, porém, registraram informações.

Pesquisando nos periódicos da época, percebe-se que a imprensa brasileira acompanhou o movimento do grupo. Em 3 de fevereiro, o periódico *Correio da Manhã*, na coluna *Correio Musical*, anunciou a saída de Francisco Mignone e sua esposa para os Estados Unidos. No dia 20 de março, a mesma seção do jornal noticiou a apresentação de Liddy Mignone cantando em Nova York.

Durante o terceiro dia do Congresso, no dia 28 de março, foi divulgado que o pronunciamento de Heitor Villa-Lobos seria irradiado aos congressistas presentes. Totalizando 10 minutos de duração, o pronunciamento seria dividido em duas partes. A primeira, com duração de sete minutos, apresentaria o trabalho do compositor e a segunda parte, com três minutos de duração, seria destinada à saudação de Heitor Villa-Lobos aos professores. O articulista ressaltava que o programa de rádio tinha a expectativa de ser transmitido para 8.000 professores e 12.000 alunos; foi, portanto, bastante significativo o espaço e a projeção das atividades desenvolvidas no Brasil.

Por que Sá Pereira não comenta nada em suas memórias sobre essa participação de Villa-Lobos no congresso? Este, depois de ter recusado o convite, depois do relatório tão negativo de John Beattie sobre as atividades desenvolvidas por ele frente ao projeto do Canto Orfeônico, mesmo não viajando, teve espaço e divulgação de suas atividades.

Quanto a Liddy e Francisco Mignone, por qual motivo não tecem nenhum comentário sobre o canto orfeônico em suas cartas? Seria um indício de divergência entre Liddy, Villa-Lobos, Mignone e Mário de Andrade? Como analisa a pesquisadora Flávia Toni, apesar de não ter cortado relações com Villa, Mário não escondia sua decepção com o compositor, pela aproximação deste com o governo de Getúlio Vargas (TONI, 1987: 49). Estariam com pudor de escrever algo sobre esse tema, para não melindrar seu correspondente? É fato que, nas cartas conservadas, e em especial nas cartas do período dessa viagem, eles não entram nesse tema, não geram conflitos.

Apesar de lacunas e limites que as fontes utilizadas apresentaram, considero que cartas, bilhetes e memórias são documentos inéditos e privilegiados a fim de que possamos lançar novos olhares para esse período em que a Educação Musical ganhou efervescência como em nenhum outro período. Analisar essas práticas de escrita manuscrita e impressa possibilitou avaliar melhor a atuação desses músicos e educadores e conhecer o

desempenho deles de uma forma que outras fontes não possibilitaram. São testemunhos da circulação do pensamento musical e pedagógico brasileiro e de como os músicos educadores relacionaram-se com outros músicos no exterior.

Dentre os limites que essas fontes apresentaram, a falta de informação sobre a divulgação da Iniciação Musical durante o congresso é instigante. Talvez outras fontes possam preencher essa lacuna. Por ora, penso que Francisco Mignone, Liddy Chiaffarelli e Sá Pereira foram convidados para conhecer o sistema de educação musical americano apenas como observadores. Caso contrário, teriam registrado algo sobre uma palestra proferida, ou um curso que tivessem ministrado. Tudo indica que a viagem e a participação no VIII Congresso Nacional Bienal de Professores de Música, as visitas a estabelecimentos escolares, os concertos que frequentaram, os encontros com músicos, as orquestras e coros regidos por Francisco Mignone, fizeram parte de uma viagem diplomática entre Brasil e Estados Unidos.

Referências

AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. Si alza la tela... In: AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de et al. *Francisco Mignone*: a parte do anjo (autocrítica de um cinquentenário); estudo, crítica e biografia por Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, Mário de Andrade, Liddy Chiaffarelli. São Paulo: E. S. Mangione, p. 3-37, 1947.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Destino das letras:* história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, p. 14-55, 2002.

CATÁLOGO eletrônico IEB/USP. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/catalogo_eletronico/>. Acesso em set. 2012.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In:_____. *A história cultural:* entre as práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

CHIAFFARELLI, Liddy. Biografia. In: AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de et al. *Francisco Mignone*: a parte do anjo (autocrítica de um cinquentenário); estudo, crítica e biografia por Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, Mário de Andrade, Liddy Chiaffarelli. São Paulo: E. S. Mangione, p. 67-75, 1947.

ENCICLOPÉDIA da Música Brasileira Erudita e Popular. São Paulo: Art Editora Ltda, 1977. 2 v.

MIGNONE, Liddy Chiaffarelli. *Inciação Musical*. Acervo Liddy Mignone, CBM, Rio de Janeiro, s.d. Cópia datilografada.

NEW YORK POST. Woman's Page, segunda-feira, 9/3/1942, p. 42.

PEREIRA, Kleide do Amaral. Antonio Leal de Sá Pereira - um mestre e seu ideal (1888-1965). *Revista Goiânia Artes*, Goiânia, n. 6(1), p. 13-22, jan/dez, 1985.

PEREIRA, Antônio de Sá. *Psicoténica do ensino elementar da música*. Rio de Janeiro: José Olyimpio, 1937.

_____. *Mobilização musical da juventude americana.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

PETRUCCI, Armando. *La ciencia de la escritura:* primera lección de paleografía. Buenos Aires: FCE, 2003.

ROCHA, Inês de Almeida. *Liddy Chiaffarelli Mignone:* reconstruindo sua trajetória. 1997. 213f. Dissertação (Mestrado em Música). Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1997.

_____. "Agora só falta fazer as malas": intercâmbio internacional e formação intelectual em viagens pedagógicas. In: Encontro de Musicologia Histórica, 8, 2008, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora, Museu de Artes Murilo Mendes, v.8, p. 275-295, 2010.

_____. *Canções de Amigo*: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012a.

_____. "Agora uma novidade boa": participação de educadores musicais brasileiros no VIII Congresso Nacional Bienal de Professores de Música em Milwaukee (1942). In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TEORIA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, ANPPOM, 22, 2012, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, UFP, 2012b, p. 390-398.

SILVA, Flávio (Org.). *Francisco Mignone*: catálogo de obras. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2007.

TACUCHIAN, Maria de Fátima Granja. *Panamericanismo, propaganda e música erudita:* Estados Unidos e Brasil (1939-1948). 1998. 369f. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

TACUCHIAN, Ricardo. As querelas musicais nos anos 50: ideário e contradições. *Claves:* periódico do programa de pós-graduação em música da UFPB, João Pessoa, n. 2, p. 7-13, nov., 2006. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/claves/pdf/clave02/claves 2 as querelas.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2009.

TONI, Flávia Camargo. Mário de Andrade e Villa-Lobos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 27, p. 43-58, 1987.

_____. *Café, uma ópera de Mário de Andrade: estudo e edição anotada*. Tese (Livre docência). Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VILLA-LOBOS, Heitor. *O Ensino Popular da Música no Brasil.* Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1937.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. *TEIAS: revista da Faculdade de Educação / UERJ*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 82-97, jun. 2000.

Inês de Almeida Rocha é Professora de Educação Musical do Colégio Pedro II e atualmente integra o naipe de soprano do Coro de Câmara da Pro-Arte. É Doutora em Educação (UERJ). Tem textos publicados no Brasil, Portugal e Espanha nas áreas de Educação Musical, História da Educação Musical, Musicologia, Educação, História da Educação, especialmente sobre Liddy Chiaffarelli Mignone, metodologias de Educação Musical, Instituições, manuais escolares de música, experiências de educação musical no ensino básico e cartas pessoais de músicos e artistas. Juntamente com Ricardo Szpilman, é editora da *Interlúdio:* Revista do Departamento de Educação Musical do Colégio Pedro II. O livro *Canções de Amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade*, publicado em 2012, é fruto de sua tese de Doutorado.
ines.rocha2006@hotmail.com.br